

O DESAFIO CONTEMPORÂNEO A TÂNATOS: A DIALÉTICA ENTRE ACUMULAR E PRESERVAR A INFORMAÇÃO

Emails:
ricardo.pimenta@gmail.
com

Ricardo Medeiros Pimenta¹

Resumo

Este artigo busca refletir sobre os dilemas do apagamento e da recuperação da informação na era digital com o intuito de dar prosseguimento à análise de cunho teórico e conceitual sobre os aspectos culturais, políticos e sócio técnicos presentes na atual sociedade da informação calcada pela cultura da visibilidade frente à crescente miríade de ações, tecnologias, e dispositivos culturais infor-comunicacionais relacionados ao desafio da recuperação e do apagamento da informação e, com isso, da preservação da memória na era digital cada vez mais em discussão no cenário global de dispositivos informacionais interconectados. O texto parte de algumas problemáticas postas ao percurso conceitual em formação e à análise teórica com base em autores não tradicionais da ciência da Informação no intuito de convergir seus conceitos e questões às singularidades que o campo da C.I. apresenta na atualidade.

Palavras-chave: Memória. Ciberespaço. Informação. Esquecimento. Preservação.

Abstract

This article seeks to analyze the dilemmas around deletion/erasure of information and its retrieval in the digital age, in order to continue the analysis of theoretical and conceptual imprint on the cultural, political and technical partner in the current information society with the growing myriad of actions, technologies, devices and policies related to the challenge of retrieval and deletion of information; and in this way about preserving the memory in the digital age that holds questions that increasingly being discussed in the present global scenario of interconnected informational devices. The text starts from some problematics put to the conceptual course in formation and to the theoretical analysis based on non traditional authors of the Information Science in order to converge its concepts and questions to the singularities that the field of C.I. presents in the present time.

Keywords: Memory. Cyberspace. Information. Forgetfulness. Preservation

INTRODUÇÃO: PERSPECTIVAS SOBRE A MEMÓRIA NO CENÁRIO DIGITAL

A reflexão aqui posta constitui-se como um fragmento da análise teórica realizada no âmbito da pesquisa em andamento¹ sobre como a visibilidade informacional, mediada pelos diversos sistemas e objetos técnicos infor-comunicacionais, produzidos e circulantes na sociedade digital, interferirá na memória ao passo que a mesma produz distopias comunicacionais e informacionais devido ao crescente volume e velocidade daquilo que é acessado e mediado em tempo real. Dessa forma, a discussão aqui é parte da pesquisa atual que se encontra em andamento e é igualmente um desdobramento de reflexões outrora propostas.

A questão da visibilidade, central na pesquisa em curso, ainda que não abordada plenamente neste artigo, busca discorrer sobre uma dimensão/forma de acesso à informação na atualidade que, em vista dos seus suportes, plataformas e objetos hiperconectados e de ampla convergência, acabam por reforçar a ideia de que vivemos em meio a uma “cultura da tela” onde legitimamos o visocentrismo (REINO, 2000) como meio de trânsito, de acesso e de consumo informacional e cultural na sociedade contemporânea. Nesse sentido, o visual passa pelo digital. Compõe os fluxos e volumes de informação os quais buscamos controlar seja pela recuperação, seja pela possibilidade de supressão, de apagamento da mesma.

Dessa maneira, as páginas seguintes buscam uma reflexão sobre os aspectos sociais e culturais presentes em práticas cotidianas do “homem informacional” (ROBERTS, 1982; WERSIG, WINDEL, 1995) comum e que poderiam nos remeter à ideia, já mais estratégica e institucional, da preservação digital enquanto desdobramento de tais práticas. Com isso, queremos dispor de um olhar crítico por meio do qual poderemos interrogar tais ações como simples estocagem ou acumulação desordenada e pensarmos criticamente sobre a preservação. Além de lançar um questionamento sobre os aspectos subjetivos, que por sua vez “animam” aqueles tecnopolíticos relacionados a uma cultura da memória no ambiente sócio-digital. Ambiente este relativamente novo, afinal somente há pouco mais de 20 anos o Brasil deu seus primeiros passos no universo da *internet*.

Vejamus que foi em 1987 que a primeira conexão era realizada entre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) e instituições acadêmicas norte-americanas. Por sua vez, em 1990 foi criada a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), por iniciativa do antigo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), com o objetivo inicial de prover o acesso à *internet* no Brasil. Cerca de quatro anos mais tarde surgiria a *internet* comercial brasileira através da Embratel, ainda em caráter experimental.

Passados 28 anos, a tênue conexão criada de forma ainda muito restrita no ano de 1987 deu lugar a uma densa rede, cujo volume de informação atualmente atinge diariamente os 200 Gigabits por segundo, alcançando na média anual pouco mais de 140 Gigabits/s (PTTMETRO, 2013).

Foi dessa maneira que, guardadas as singularidades, a *internet* constituiu-se de forma global em uma escala ainda mais impressionante. Tornou-se um amplo espaço de produção e circulação de informações entre diferentes setores, grupos, instituições e indivíduos. Seu crescimento, em uma escala sem igual, parece apontar para algumas questões prementes: o que fazemos com este volume informacional? Como conservamos e se conservamos? De que forma poderemos recuperar suas informações, caso precisemos? Tais questionamentos já são reproduzidos para além dos espaços acadêmicos, como na grande mídia, por exemplo. E é interessante perceber que simbolicamente o discurso da preservação *grosso modo* apoia-se no antigo desejo de vencer Tântatos.

Afinal, os documentos e informações que preservamos dizem quem nós somos. Por vezes ancoram nossa identidade cultural. São “instrumento de cultura”, de conhecimento e de “fixação da

¹ Pesquisa “Tecnopolíticas da visibilidade informacional: o ‘ser’, o ‘ver’ e o ‘saber’ na hipermodernidade” em andamento via bolsa de produtividade 2 CNPq.

realidade” (LOPES YEPES, 1997, p. 13), pois operam como suporte material da memória coletiva e transgeracional (POMIAN, 2000, p. 514).

Sendo assim, seria correto afirmar que as fotos e dados produzidos por nós em nosso cotidiano são parte de nossas ações e podem constituir elementos nos quais balizamos nossa identidade. Em algum sentido, evitar a destruição dos documentos, o apagamento da informação e o esquecimento enquanto “cancro” da sociedade do conhecimento é evitar que parte de nós desapareça. Assim, no cenário contemporâneo a ameaça de esquecer, apagar ou de perder algo teria se tornado mais e mais pungente uma vez que tal ameaça simboliza por vezes uma forma de morte social, cultural e, portanto técnica.

2 UM PRIMEIRO PROBLEMA: DAS POSSÍVEIS DIFERENÇAS ENTRE ACÚMULO E PRESERVAÇÃO DA INFORMAÇÃO DIGITAL

Em sua teoria das pulsões, Freud identificou um jogo antagônico entre *Eros* e *Thanatos*; respectivamente representantes da pulsão sexual (esta parte constitutiva das pulsões de vida) e da pulsão de morte (FREUD, 1930). Para Freud, a pulsão de morte, podendo ter seu germe no recalque e nas experiências traumáticas, tenderia à destruição de si ou de outrem (FREUD, 1923, p.38). Na modernidade, o progresso, a tecnologia e a aceleração da vida e de suas dinâmicas nos apresentou um novo cenário em constante desenvolvimento no qual a destruição tornou-se presente, para além do aspecto orgânico do homem, na vida prática desde o espaço privado ao público.

Mas como isso seria possível? Nosso cotidiano é hoje formado por constantes esgotamentos das práticas e das técnicas ao passo que a inovação representaria a outra face da “destruição criativa” apontada por Schumpeter (1978) a qual tem na tecnologia sua maior influencia. O esgotamento e a ordinária insuficiência dos suportes informacionais marcam essa constante sensação de impossibilidade de registrarmos e recuperarmos tudo. Apesar da ilusão da capacidade de armazenamento estar associada à segurança da preservação, as mídias eletrônicas estão subordinadas à estabilidade de uma estrutura física na qual quedas ou oscilações da energia e mesmo demais interferências podem comprometer todo seu bom funcionamento. Mudanças constantes de tecnologia sugerem um constante investimento na renovação e atualização de máquinas e sistemas. Recuperar a informação *a priori* parece ser mais “seguro” quando tratamos de suportes de papel e prateleiras repletas de pastas.

Dos cartões perfurados, passando pelas fitas magnéticas, cassete, cartuchos removíveis, disquetes, CD-ROMs, CDs regraváveis, DVDs, cartões de memória SD, flash-drives e mais recentemente o armazenamento em nuvem; todas estas criações são o indício de uma cultura preservacionista e de autoconservação, respondente às pulsões de vida ao mesmo passo que se desenvolvem na experiência traumática da perda irreparável da informação e do conhecimento; portanto da nossa memória *lato sensu*.

Nesse sentido, podemos afirmar que jamais a “pulsão de morte” esteve tão latente na sociedade da informação. E é por esse mesmo motivo que, dialeticamente as ações de conservação, ou salvaguarda, da informação se tornaram tão aparentemente urgentes em nossa sociedade que nos faz remeter ao aspecto neurótico (FREUD, 1923, p. 49-51) da conservação; onde o medo do esquecimento, do apagamento, seria assim como todo medo, *grosso modo* o medo da morte (FREUD, 1923, p.55).

Crer na perenidade da informação em meio digital é arriscado se não houver meios constantes de acompanhamento tecnológico e atualização dos suportes e migração dos dados e informações para estes mais modernos. É, portanto, buscar escapar de Tântalos quantas vezes for possível apesar de “alimentá-lo” constantemente com o que se tornara obsoleto, pois não deixamos de nos encontrar circunscritos em uma sociedade capitalista marcada pelo consumo e por suas esperadas “forças produtivas-destrutivas” (MÉSZÁROS, 2011, p. 58-59); sendo estas próprias capazes de manter o jogo dialético entre vida e morte presente nos objetos técnicos, nos suportes informacionais e nas práticas

estabelecidas e reproduzias de acesso, preservação, recuperação e circulação da informação que nós estabelecemos em nosso cotidiano.

Cotidiano este marcado pela clara presença do apagamento dos dados e das informações enquanto fenômeno tecnológico, econômico e social. Produzimos e buscamos guardar, apesar de não acompanharmos com a mesma velocidade a capacidade de organização da informação e de um volume de informação e dados sem igual; de maneira que julgamos *grosso modo* ser possível lembrarmos de tudo; tornando o esquecimento o novo desafio contemporâneo (VAIDHYANATHAN, 2011; MAYER-SCHÖNBERGER, 2009).

Afinal, testemunhamos essa percepção coletiva em nossa cultura informacional de que a preservação de toda a informação produzida pelo homem, hoje, poderia ser possível. Ingênuo desejo, uma vez que a salvaguarda integral de tudo que produzimos jamais será possível de ser alcançada, quanto mais recuperada. A consciência de tal fatalidade é, portanto, evidência dessa “pulsação de morte” que buscamos sobrepujá-la. Finitude real contra perenidade virtual.

Nos dias correntes aprendemos a, e continuamos a tentar, arquivar nossa própria vida em inúmeros dispositivos eletrônicos; atuais artefatos tecnológicos que possibilitam a transmissão da expressão humana. Aliás, sempre buscamos arquivar nossa vida, como já disse Artiéres (1998). Contudo, hoje o processo se dá em uma extensão e profundidade sem precedentes de maneira tão intensa que tal procedimento pode ser percebido como um aparente transtorno, algo já veiculado na mídia, quando entramos no estágio da acumulação desmedida.

Os *e-hoarders*, ou digital *hoarders*, são um número crescente de acumuladores digitais. Eles adquirem de maneira excessiva materiais eletrônicos e se negam a apagar quaisquer dados de seus diversos aparelhos. Frequentemente associados ao comportamento compulsivo dos acumuladores, os *e-hoarders* se beneficiam do crescente barateamento dos recursos de armazenamento digital, capazes de produzir cópias completamente idênticas das informações salvas e de custos cada vez mais baratos. Fato este que incentivou um mercado tecnológico de custos cada vez menores *pari passu* sua exponencial capacidade de armazenamento (MAYER-SCHÖNBERGER, 2009).

Figura 1: O novo fenômeno dos acumuladores de bens digitais. Matéria do jornal O Globo, de 30 de maio de 2015.

O novo fenômeno dos acumuladores de bens digitais

O avanço da tecnologia tornou fácil e barato armazenar toneladas de fotos, vídeos e arquivos inúteis

POR SÉRGIO MATSUURA
30/05/2015 6:00 / ATUALIZADO 30/05/2015 8:48



Fonte: Jornal O Globo, 30 de maio de 2015.

armazenar imagens - Fernando Quevedo

No extrato da matéria acima o caso apresentado é apenas um entre muitos que se tornam cada vez mais e mais presentes. Nós mesmos devemos ter um conjunto razoável de dispositivos de armazenamento de dados digitais em nossas casas. “Relicários” de uma cultura da “hipermodernidade” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004), esses pequenos elementos guardam mais do que fotos. Guardam memórias e informações algumas vezes sensíveis. Há, portanto, na cultura contemporânea, talvez insuflado pela crescente e paradoxal “leveza” dos suportes informacionais, que estranhamente retêm mais e mais dados, mais e mais capacidade, sendo cada vez menores, um nítido desejo pela acumulação, pela retenção, pelo controle do registro e, sobretudo de sua recuperação. Fazemos mais uma vez uso de Mayer-Schönberger (2009) quando o mesmo afirma que

This overabundance of available storage capacity makes it easy for us to shift our behavioral default regarding external memory from forgetting to remembering. We save different versions of the documents we are working on to our hard disks. And store images and music files, on the assumption that perhaps someday we might need them. Storing information has become fantastically convenient, but it's more than convenience that induces us to preserve. The truth is that the economics of storage have made forgetting brutally expensive (MAYER-SCHÖNBERGER, 2009, p. 68).

Com base na afirmação de Mayer-Schönberger, nos parece possível identificar ainda duas questões para reflexão: uma de cunho subjetivo/privado e outra de fundo institucional/pública. Na primeira parece correto dizer que desejamos guardar tudo aquilo que estiver ao nosso alcance. Na segunda, uma clara constatação de que agir na contramão de um mercado crescente de armazenamento calcado na tecnologia digital, ou seja, não aderir a tais recursos tecnológicos, é extremamente prejudicial no campo político, econômico e público das organizações e instituições cuja memória se torna cada vez mais crítica ao passo que as relações e produções de dados, informações e suas práticas decorrentes, se avolumam em proporções não esperadas. Guardar é imperativo em uma sociedade que produz mais informação do que somos capazes de processar. Torna-se um mercado, mas, sobretudo é parte de uma cultura organizacional e informacional contemporânea que toma suas devidas proporções tanto na vida privada como na pública.

No caso específico de instituições ligadas ao espaço público, a informação e sua respectiva possibilidade de recuperação é, para além do estratégico, vital à manutenção e gestão do que se produz daqui em diante. O crescente número de dados e informações produzidos; o extenso campo de produção bibliográfica em ciência e tecnologia, por exemplo, tanto em escala nacional como mundial junto com a multiplicação de plataformas de divulgação além das ferramentas e demais meios de acesso, nos jogariam diretamente no caos informacional — e aí está novamente presente a figura de Tântos — se não buscarmos o controle e o desenvolvimento de meios que nos possibilitem identificar, classificar e recuperar do “oceano” de informações possíveis, aquilo que queremos.

Há, contudo, um certo “desejo” ou “fetiche” de conseguirmos dominar tal capacidade até mesmo quando se trata de nossa vida particular. Por isso propomos que a corrida pela preservação digital e pelas diversas formas de se salvaguardar dados e informações, mesmo quando uma espécie de bricolagem pessoal, é expressão de uma cultura contemporânea que luta contra Tântos. Cultura essa que acreditou ser possível vencê-lo quando não o é. Tornamo-nos um novo Funes de Borges (1978), a princípio desprovidos do tormento que o peso da memória total o infligiu. Ou talvez estejamos a tentar nos sentir mais “potentes” que o anjo de *Scholem*, discorrido por Walter Benjamin (1987) como o “anjo da história” o qual assistia impotente ao tempo destruidor.

No campo individual, pessoas como a norte-americana Marion Stokes, uma bibliotecária norte-americana aposentada, parecem representar bem tal desejo de potência acima identificado. Casos como o de Stokes não são tão incomuns e se tornam cada vez mais presentes em nosso cotidiano marcado pela “fobia do futuro”.

Falamos aqui do desejo de ser capaz de impedir o apagamento das informações que nos são preciosas e o esquecimento daquilo que nos é essencial. Na era digital, tendemos a acreditar na perenidade possível de tudo que produzimos de informação, como fotos e documentos acumulados ao longo dos anos. Esta espécie de conservação do que nos representa não garante, vale dizer, a preservação do eu, de nossa identidade, mas apenas uma representação, uma imagem, e, portanto uma faceta, desse *self*. Pulsão de vida, como apontado em Freud, cujo prazer, neste caso, parece estar presente pelos *bytes* acumulados. Mais ainda: produzimos informação na esperança de que ela nos “reproduza”.

O acúmulo de VHS, como o caso de Stokes, de fotos ou de quaisquer outros suportes informacionais e documentos, não garante qualquer preservação, já se sabe. O que a garantiria seria a organização do acervo uma vez acumulado. Sua identificação, classificação e indexação; seguida da possibilidade do acesso. E é justamente neste caso que se mostra possível identificarmos essa espécie de transposição da condição acumulativa do acervo de Stokes para a condição preservacionista e informativa, quando da entrega do referido acervo à organização *Internet Archive*. Esta organização custodiará o acervo de Stokes por entender ser as décadas de notícias de diferentes canais de mídia televisiva parte da história e da memória coletiva norte-americana e mundial (ao passo que há noticiários com notícias internacionais).

Figura 2: A incrível história de Marion Stokes, responsável por guardar 35 anos de noticiários da TV. Extrato de matéria sobre Marion Stokes, capturado do site *Fastcompany magazine*, e armazenado pela ferramenta de social *bookmarking*.


TECHNOLOGY 11.5K SHARES f t ...

THE INCREDIBLE STORY OF MARION STOKES, WHO SINGLE-HANDEDLY TAPED 35 YEARS OF TV NEWS

FROM 1977 TO 2012, SHE RECORDED 140,000 VHS TAPES WORTH OF HISTORY. NOW THE INTERNET ARCHIVE HAS A PLAN TO MAKE THEM PUBLIC AND SEARCHABLE.

BY SARAH KESSLER

Stokes was a former librarian who for two years co-produced a local television show with her then-future husband, John Stokes Jr. She also was engaged in civil rights issues, helping organize buses to the 1963 civil rights march on Washington, among other efforts. She began casually recording television in 1977. She taped lots of things, but she thought news was especially important, and when cable transformed it into a 24-hour affair, she began recording MSNBC, Fox, CNN, CNBC, and CSPAN around the clock by running as many as eight television recorders at a time.



Marion Stokes
Photo courtesy of Michael Metelits

Fonte: *Website Fastcompany magazine*.
Armazenar dados e informações de forma a organizá-las e prover recuperação e acesso das mesmas são, portanto, parte de etapas básicas de um processo de gestão da informação cuja cultura organizacional se faz presente em consonância às estratégias de uso de tecnologias de informação e

comunicação (TIC). O intrigante é que essas mesmas etapas, na vida pessoal e privada de pessoas como Stokes, entre tantas outras, adquirem outros “contornos”, outras classificações que vão do peculiar, passando pelo hobby, à patologia.

Fato este que nos convida a afirmar que o “homem informacional” (ROBERTS, 1982; WERSIG, WINDEL, 1995) ainda se encontra em um processo de autodescobrimento de suas potências e de seu papel no mundo. Um claro processo de individuação (SIMONDON, 2005) sem “prazo” para se encerrar e que traz à tona o debate sobre a preservação digital em face do futuro da memória na sociedade da informação.

3 O SEGUNDO PROBLEMA: A PRESERVAÇÃO DIGITAL E SEUS LIMITES ENTRE LINGUAGEM E TÉCNICAS

Com efeito, práticas de preservação digital não são ainda plenamente compartilhadas entre campos do conhecimento diferentes. Há ainda “torres de marfim” no tocante às políticas e projetos realizados nos ambientes universitários enquanto pouco se reproduz nos espaços culturais e populares. Há, contudo iniciativas, mas estas não obedecem protocolos comuns levando-nos a testemunhar uma espécie de *heteropraxis* da preservação digital.

Muito precisa ainda ser realizado para preservar recursos culturais, intelectuais e acadêmicos em formatos tradicionais, que formam a base para a pesquisa em ciências humanas e de ensino (HEDSTROM, 1998, p. 190).

A preservação digital, se por um lado nos remete à ideia de “pulsão de vida”, igualmente nos remete à obra de Jacques Derrida, *Mal de Arquivo: Uma Impressão Freudiana* (2001). Nesta obra, Derrida aponta a presença das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), associadas à tecnologia digital e à informatização de nossos meios de registro e de comunicação, enquanto elementos agenciadores de mudanças dos processos de produção e reprodução social. Estas mudanças, contudo, afetam a sociedade no sentido de que esta busca controlá-las em suas dimensões produtivas e reprodutivas.

Arquivos digitais, já apontou Wolfgang Ernst (2013, p. 86-87), marcam uma mudança radical no tocante às formas de armazenamento antes pautadas pelos meios numérico e alfabético. Dá-se lugar aos algoritmos, às equações matemáticas, constituindo assim uma nova micro temporalidade que se sobrepõe àquela “macro” dos arquivos históricos. Segundo Flusser (2010, p. 69-70), o desenvolvimento da escrita codificada pelo binarismo é marca da revolução informacional à qual testemunhamos todos.

Ou seja, formas e sistemas responsáveis pelo registro, recuperação e circulação da informação nos meios eletrônicos e digitais estão completamente subordinados às formas de prescrições características das linguagens computacionais, permitindo o armazenamento, a recuperação e a transferência da informação em velocidade e volume sem iguais. Com efeito, as plataformas e suportes informacionais produzidos carregam uma capacidade de armazenamento gigantesca. Os *flashdrives*, os sistemas ópticos e os “super” servidores compostos por milhares de metros quadrados de equipamento eletrônico possuem uma potência (CONWAY, 1996) pela qual o preço a se pagar recai na sua durabilidade e obsolescência tecnológica (PACKARD, 1963).

Não obstante, a criação de documentos eletrônicos, notícias, comunicados, vídeos e *podcasts*, além da troca de mensagens via e-mail ou fóruns, apontam para um número sem igual de informações que, produzidas no âmbito do espaço *web*, se perdem continuamente.

E este conflito afeta a relação humana com o passado e com sua memória. Retomamos Flusser (2010), ao reiterar que as formas de armazenamento e salvaguarda da informação passaram por uma revolução das formas de transmissão. Do escrito ao digitado; do inscrito ao sobrescrito eletrônico;

garantimos a transmissão da informação em tempo real, ingenuamente acreditando que ela se tornará atemporal em seu relicário eletrônico apesar de esquecermo-nos do aspecto físico no qual ela jaz. “Dados que sem a tecnologia capaz de sintetizá-los, de lê-los, de intermediá-los ao homem, se apagarão em velocidade muito maior que qualquer papiro consumido pelo fogo” (PIMENTA, 2014, p. 4780).

Estas mudanças dão corpo ao “mal de arquivo” passível de ser discutido no escopo dos debates sobre preservação digital. Sabe-se que ela conta, portanto, com

Planejamento, alocação de recursos e aplicação de métodos e tecnologias de preservação necessárias para assegurar que as informações digitais de valor permanente continuem a ser acessíveis e utilizáveis (HEDSTROM, 1998, p.190).

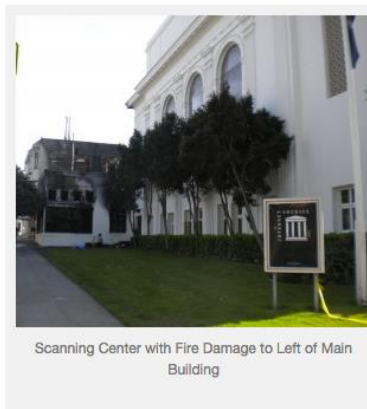
Para tal, métodos vêm sendo constantemente discutidos no escopo das atividades de preservação digital com o intuito de acompanhar a decrescente vida útil dos suportes informacionais contemporâneos na mesma velocidade que se acompanha o desenvolvimento, aí sim crescente e exponencial, da capacidade de armazenamento dos mesmos suportes e do tráfego de dados e informações entre eles.

Figura 3: Extrato de matéria sobre incêndio na sede do *Internet Archive* capturado e armazenado pela ferramenta de social bookmarking Diigo.

Fire Update: Lost Many Cameras, 20 Boxes. No One Hurt.
Posted on [November 6, 2013](#) by [brewster](#)

As fires go, we were lucky. We are still assessing what happened but this is where we stand:

- * No one was hurt.
- * Lost a 130 sq meter side-building (1300 sq feet) that held scanning equipment. We operate 30 scanning centers, and this was one of them. Our offices were not affected.
- * We lost maybe 20 boxes of books and film, some irreplaceable, most already digitized, and some replaceable. From our point of view this is the worst part. We lost an array cameras, lights, and scanning equipment worth hundreds of thousands of dollars. Insurance will cover some but not all of this.



Scanning Center with Fire Damage to Left of Main Building

Fonte : *Internet Archive* Blog.

Hoje se torna estratégica a instauração de uma política institucional, pública e governamental de gestão, preservação e recuperação da informação nascida digital e da digitalização daquela proveniente de diferentes suportes. Há, contudo, iniciativas privadas das quais destacamos o exemplo do *Internet Archive*. Ainda assim, não há garantias.

Na matéria noticiada em 06 de novembro de 2013, o *Internet Archive* afirmara que perdera no incêndio ocorrido em seu prédio cerca de vinte caixas de livros e filmes os quais estavam sendo digitalizados. Alguns insubstituíveis, segundo o *Internet Archive*. Tal retórica nos impulsionou, e impulsiona, ao desenvolvimento contínuo de ferramentas, sistemas e meios diversos capazes de se

Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib., João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 034-045, 2017.

41

antecipar à irreparável perda das informações. De fato, já vivemos em uma sociedade global cuja lembrança foi instituída como o “estado-padrão do conhecimento” (VAIDHYANATHAN, 2011, p. 195).

Apesar das vinte caixas perdidas no caso do incêndio do *Internet Archive*, uma questão aponta para um aspecto paradoxal. Estaríamos prontos para fazer uso de tudo que armazenamos? Seríamos capazes de exercer a “missão do bibliotecário” (2006) de que Ortega y Gasset falou em nossas próprias bibliotecas de alguns *terabytes* de memória?

Tal desafio passa necessariamente pela contínua capacidade de refrescamento do meio (preservação física), de migração de suportes, da conversão dos formatos e emulação (preservação lógica) (ARELLANO, 2004, p. 17), além da preservação do conteúdo (intelectual) (ARELLANO; ANDRADE, 2006).

Estas práticas tornaram-se fulcrais à preservação em âmbito digital, apesar de poder nos conduzir a novos desafios como aqueles relativos aos novos processos de registro e constituição de uma memória coletiva e artificial; protética no sentido McLuhaniano, pois neste escopo, como reflexão crítica à política pública de preservação digital, digo que a amplificação dos meios eletrônicos de produção, estocagem e recuperação de informação contribuiu para que depositássemos na mediação, a expectativa da preservação. Ilusão narcísica que, segundo McLuhan (2011), pode nos levar à amputação de nossa própria capacidade inata de lembrar. Ainda mais se não obtivermos consciência de que no jogo das pulsões, “Tânatos” chega para todos e para tudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A MEMÓRIA NA ERA DIGITAL ENQUANTO UM PARADOXO

O excesso de informação presente no ciberespaço torna cada vez mais confusas as fronteiras entre público e privado, assim como os papéis entre lembrança e esquecimento já que o excesso, a distopia informacional, poderia também nos levar a uma “saturação da memória” (ROBIN, 2003), por meio da profusão dos canais informacionais e de suas respectivas tecnologias. De fato, é no âmbito do ciberespaço que percebemos uma clara dialética entre o “desejo de memória”, o “acesso à informação” e o “direito ao esquecimento” enquanto espaço comum da distopia informacional presente na atualidade.

A preservação enquanto política e estratégia de gestão da informação e do conhecimento não podem sucumbir ao fetiche do acúmulo sem critério, tão recorrente da vida privada ou de políticas de preservação sem políticas de memória — o que se configuram enquanto políticas diferentes. Mas deve estar atenta às diversas experiências onde inovações podem ser identificadas como traços não apenas de uma cultura contemporânea marcada pela “vida digital” (NEGROPONTE, 1995) que se complexifica a cada ano, a cada mês, a cada dia; como de micropolíticas que transversalizam do privado ao público; do indivíduo ao coletivo.

O desafio da memória hoje é sua gestão. Seu controle frente a um cenário onde espaço e tempo se atomizam e o volume informacional nos coloca mais próximos e mais cientes que Tânatos chegará para todos e para tudo. Esta “pulsão de morte” é o que nos impele ao enfrentamento, à inovação e, em grande medida, à construção “viva” de meios, técnicas, estratégias, políticas e práticas capazes de nos fazer vencê-lo dia-a-dia. A cultura da memória na era digital é, pois, interseccionada pela cultura informacional do século XXI. Preservar, acumular, lembrar e esquecer, apagar e recuperar são todos desafios à Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

ARELLANO, Miguel Arellano. Preservação de documentos digitais, **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, 15-27, 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1043/1113>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

ARELLANO, Miguel Arellano; ANDRADE, Ricardo Sodré. Preservação digital e os profissionais da informação. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 5, 2006.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 9-34, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>>. Acesso em 29 jul. 2016.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2006.

_____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORGES, Jose Luis. **Ficciones**: Funes el memorioso. Madri: Alianza, 1978.

_____. La Biblioteca de Babel. Buenos Aires: Emece, 1974.

CONWAY, Paul. Preservation in the digital world. **Commission on Preservation and Access - CPA**, Washington: 1996. Disponível em: <<http://www.clir.org/pubs/reports/reports/conway2/index.html>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ERNST, Wolfgang. **Digital memory and the Archive**. Minneapolis: University of Minnesota, 2013.

FLUSSER, Vilém. **A escrita**: há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id (1923). In: _____. **Sigmund Freud**: obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Mal-estar na civilização (1930). In: _____. **Sigmund Freud**: obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: _____. **Sigmund Freud**: obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HEDSTROM, Margaret. Digital preservation: a time bomb for digital libraries. **Computer and the Humanities**. v. 31, n. 3, 189-202, 1998. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/1f78/ff102bc627e675a8df7db2d996c69faad8cd.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

KETELAAR, Eric. Archival temples, archival prisons: modes of power and protection. **Archival Science**, v. 2, 221-238. Disponível em: <<http://home.hccnet.nl/e.ketelaar/ArchivalTemples.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2016.

LIPOVETSKY, Gilles.; CHARLES, Sebastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LÓPEZ YEPES, José. Reflexiones sobre el concepto de documento ante la revolución de la información: um nuevo professional del documento? **Scire**. v. 3, n. 1, p. 11-29, jan./jun. 1997. Disponível em: <<http://www.iberid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/1064>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor. **Delete: the virtue of forgetting in the digital age**. Princeton: Princeton University, 2009.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding media: the extensions of man**. 2.ed. Berkeley: Gingko Press, 2011.

MÉSZARÓS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2011.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PACKARD, Vance. **The Waste Makers**. London: Penguin, 1963.

PIMENTA, Ricardo M. O dilema entre a recuperação e o apagamento da informação na era digital: perspectivas em construção. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., Belo Horizonte, 2014. **Anais...** Belo Horizonte: ANCIB, UFMG, 2014. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt10>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

POMIAN, Krzysztof. Memória. In: GIL, F. **Sistemática**. Porto: Imprensa Nacional, 2000.

PTTMetro. **Tráfego Total (todos PTTs)**. 26 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.ptt.br/>>. Acesso em: 26 ago. 2013.

REINO, Vitor. **170 anos depois: considerações sobre o sistema Braille**. Lisboa: Ministério da Cultura, 2000.

ROBERTS, N. A search for information man. **Social Science Information Studies**, v. 2, n. 2, p. 93-104, April 1982.

ROBIN, Regine. **La mémoire saturée**. Paris: Stock, 2003.

RYAN, Johnny. **A history of the Internet and the digital future**. London: Reaktion Books, 2010.

SCHUMPETER, Joseph A. **The theory of economic development**. Oxford: Oxford University Press, 1978.

WEINRICH, Harald. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WERSIG, G.; WINDEL, G. Information Science needs a theory of 'information actions'. **Social Science Information Studies**, v. 5, p. 11-23, 1985.

VAIDHYANATHAN, Siva. **A googlelização de tudo (e por que devemos nos preocupar)**: a ameaça do controle total da informação por meio da maior e mais bem-sucedida empresa do mundo virtual. São Paulo: Cultrix, 2011.